

**As pessoas comuns na modernidade em Gilbert Chesterton e
Milton Santos**

***Ordinary People in Modernity in Gilbert Chesterton and
Milton Santos***

***Las Personas Comunes en la Modernidad en Gilbert Chesterton
y Milton Santos***

Edu Silvestre de Albuquerque¹
Deyvid Alcimar Soares²
Maria Rita Pegado Valentim³

¹ Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Docente do Departamento de Geografia da UFRN. **E-mail:** edu.albuquerque@ufrn.br, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0001-7286-6696>

² Doutorando do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). **E-mail:** deyvidalcimar21@gmail.com, **Orcid:** <https://orcid.org/0009-0002-8781-5861>

³ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). **E-mail:** ritamogekov@gmail.com, **Orcid:** <https://orcid.org/0009-0009-1894-0037>

Resumo: O ensaio compara as concepções de “homem comum”, de Gilbert Chesterton, e de “homem lento”, de Milton Santos, como críticas convergentes à modernidade. Ambos os pensadores, em contextos distintos, denunciam os efeitos desumanizantes do progresso técnico, da racionalidade instrumental e do gigantismo econômico, valorizando, em contrapartida, a experiência cotidiana e a sabedoria prática. Em Chesterton, o “homem comum” representa a dignidade da pessoa simples, enraizada nas tradições, na fé e na família. Já em Santos, o “homem lento” surge como sujeito resistente à globalização perversa, preservando tempos próprios, solidariedade e racionalidade alternativa nos espaços locais. Apesar das diferenças – Chesterton ancorado na cosmovisão cristã e Santos, em uma crítica laica da globalização – ambos afirmam figuras contra-hegemônicas que se opõem ao ritmo acelerado e homogeneizador da modernidade. Ambos resgatam a centralidade da vida cotidiana e a possibilidade de construir alternativas éticas, epistemológicas e políticas diante de um mundo marcado pela alienação e pela padronização cultural.

Palavras-chave: homem comum; homem lento; modernidade.

Abstract: This essay compares Gilbert Chesterton’s concept of the “common man” and Milton Santos’s notion of the “slow man” as convergent critiques of modernity. Both thinkers, despite different contexts, denounce the dehumanizing effects of technical progress, instrumental rationality, and economic gigantism, while emphasizing everyday experience and practical wisdom. For Chesterton, the “common man” embodies dignity rooted in tradition, faith, and family. For Santos, the “slow man” resists the perverse globalization by preserving local rhythms, solidarity, and alternative rationalities. Although Chesterton’s view is grounded in a Christian worldview and Santos’s in a secular critique of globalization, both highlight counter-hegemonic figures that reaffirm the centrality of ordinary life and open ethical, epistemological, and political alternatives to an increasingly alienated and homogenized world.

Keywords: common man; slow man; modernity.

Resumen: El ensayo compara las concepciones de “hombre común” en Gilbert K. Chesterton y de “hombre lento” en Milton Santos, como críticas convergentes a la modernidad. Ambos pensadores, en contextos distintos, denuncian los efectos deshumanizantes del progreso técnico, de la racionalidad instrumental y del gigantismo económico, valorizando, en contrapartida, la experiencia cotidiana y la sabiduría práctica. En Chesterton, el “hombre común” representa la dignidad de la persona sencilla, arraigada en las tradiciones, la fe y la familia. En Santos, en cambio, el “hombre lento” surge como sujeto resistente a la globalización perversa, preservando tiempos propios, solidaridad y una racionalidad alternativa en los espacios locales. A pesar de las diferencias – Chesterton anclado en la cosmovisión cristiana y Santos en una crítica laica de la globalización –, ambos afirman figuras contrahegemónicas que se oponen al ritmo acelerado y homogeneizador de la modernidad. Ambos rescatan la centralidad de la vida cotidiana y la posibilidad de construir alternativas éticas, epistemológicas y políticas frente a un mundo marcado por la alienación y la estandarización cultural.

Palabras clave: hombre común; hombre lento; modernidad.

1 INTRODUÇÃO

A contemporaneidade impõe uma lógica de progresso, caracterizada pela aceleração do tempo, pela especialização produtiva e pela homogeneização cultural, que frequentemente marginaliza a sabedoria comum produzida a partir da experiência cotidiana. Frente a isso, emergem discursos contra-hegemônicos que resgatam modos de vida e histórias de pessoas comuns que se contrapõem ao ritmo e aos valores da modernidade técnica. Neste cenário, destacam-se dois pensadores de contextos históricos e áreas do conhecimento distintos – o escritor britânico Gilbert Chesterton e o geógrafo brasileiro Milton Santos, que, embora apartados no tempo e no espaço, convergem na valorização de sujeitos aparentemente periféricos: o “homem comum”, para Chesterton, e o “homem lento”, para Santos.

A escolha por comparar essas duas figuras conceituais parte do entendimento de que ambas representam uma crítica profunda à modernidade, resgatando o papel dos sujeitos marginalizados na construção de uma outra racionalidade econômica e social. Uma análise comparativa entre esses dois conceitos evidencia pontos de interseção entre literatura, filosofia e geografia, além de iluminar alternativas epistemológicas para a compreensão das políticas voltadas às pessoas comuns na contemporaneidade.

Assim, o objetivo geral deste ensaio é analisar comparativamente os conceitos de “homem comum”, de G. K. Chesterton, e de “homem lento”, de Milton Santos, identificando suas convergências e divergências enquanto críticas à modernidade e afirmações de uma alteridade ética e epistemológica. Por sua vez, os objetivos específicos são: a) identificar os contextos históricos e intelectuais em que os autores formulam os dois conceitos; b) explicitar o significado e o papel de ambos os conceitos em suas respectivas obras; c) analisar, nas principais obras desses autores, como as pessoas comuns são retratadas em sua resistência às imposições da modernidade e na promoção de formas alternativas de viver e de conhecer; e, por fim, d) discutir o potencial político e filosófico dessas figuras para os debates contemporâneos.

A presente pesquisa adota um método qualitativo, de base teórico-interpretativa, com enfoque na análise comparativa de conceitos.

Foram consultadas diversas obras de Gilbert Chesterton, de diferentes momentos de sua carreira, nas quais se destaca a figura do “homem comum”, temática recorrente em sua extensa produção intelectual. Quanto ao geógrafo Milton Almeida dos Santos, o foco da pesquisa recaiu sobre três obras fundamentais de sua carreira acadêmica: *Técnica, espaço e tempo* (2013), *A natureza do espaço* (2020) e *Por uma outra globalização* (2024).

O texto está estruturado em três capítulos principais. No primeiro, intitulado *O “Homem comum” em G. K. Chesterton*, analisam-se as principais obras do autor britânico em que a figura do “homem comum” é destacada como resistência às ideologias modernas e como guardião da sanidade civilizacional, com ênfase na sua dignidade cotidiana e na valorização da tradição. O segundo capítulo, *O “Homem lento” em Milton Santos*, dedica-se à obra do geógrafo brasileiro, discutindo a centralidade da noção de “homem lento” como categoria crítica diante da globalização e do meio técnico-científico-informacional, ressaltando a importância do lugar, da solidariedade e da experiência vivida. Já o terceiro capítulo, *Nos limites da razão: a Emoção de Milton Santos e a Fé de Gilbert Chesterton*, propõe um diálogo entre as perspectivas dos dois pensadores, evidenciando suas convergências e diferenças quanto às formas de resistência das pessoas comuns frente à modernidade e à racionalidade dominante, seja pela valorização da fé e da tradição, seja pela ênfase na coletividade e na vida comunitária.

2 O “HOMEM COMUM” EM G. K. CHESTERTON

Gilbert Keith Chesterton (1874–1936) foi um escritor e jornalista britânico, reconhecido por seu estilo irônico e inteligente¹ empregado na defesa do cristianismo contra as ideologias modernas assentadas no racionalismo e no individualismo extremos, no relativismo cultural, no progressismo e no esteticismo vazio. Para ele, muitas dessas ideologias modernas tratam o ser humano como uma abstração, e não como uma pessoa concreta. Assim, em sua vasta produção literária, o conceito de “homem comum” é evidenciado com constância.

¹ O estilo literário único de Gilbert Chesterton influenciou os famosos escritores C. S. Lewis e Tolkien, atraídos por sua capacidade de unir fé, razão e criatividade.

Ao lado do historiador Hilaire Belloc, também foi um dos principais proponentes do distributivismo, uma teoria econômica baseada na distribuição justa da propriedade². Aliás, em *O que há de Errado com o Mundo* (Chesterton, 2013 [1910]), Chesterton afirma que a sociedade moderna está tão anormal que o homem comum raramente tem a oportunidade de cuidar de sua própria propriedade. Em vez disso, muitos são jogados a profissões que envolvem cuidar da propriedade dos outros, resultando em uma desconexão com a realidade e as responsabilidades cotidianas.

Nessa perspectiva, o “homem comum”, para Chesterton, encontra-se aviltado pela moralidade racional hegemônica, que o destitui de seus próprios interesses e vontades. Em última instância, trata-se de um sujeito que vislumbra o horizonte do que deseja, mas não o alcança plenamente, em razão da insuficiência das condições materiais que lhe permitiriam realizar essa existência almejada.

Ainda conforme a obra supracitada, o autor nos oferece o exemplo dos birôs dos escritórios de planejamento do Estado, onde os burocratas consideram as pessoas apenas estatísticas oficiais. Esses burocratas se põem a serviço do país e das normas legais, que recaem sobre o “homem comum”, considerado massa amorfa, retirando dele seu sentido de si e embutindo traços da modernidade e de uma lógica distante e, por vezes, perversa.

Dentre as principais influências que nortearam a construção intelectual de Chesterton, podemos citar o romancista inglês Charles Dickens. Na biografia *Charles Dickens* (Chesterton, 2011 [1906]), Chesterton elogia o famoso romancista por sua capacidade de falar diretamente ao povo, tratando-o com respeito e dignidade. Ele destaca que Dickens não apenas produzia algo que o povo pudesse entender, mas se esforçava ao máximo para criar obras que refletissem a realidade e as emoções das pessoas. Essa abordagem, segundo Chesterton, criou uma conexão profunda entre o autor e as massas.

Em sua tese doutoral em estudos linguísticos, Puglia (2006) relata que Dickens foi um escritor aclamado justamente por ir além do mero “romance”,

² Sua obra *Um Esboço da Sanidade* (Chesterton, 2014 [1926]) é considerada um verdadeiro manual do distributivismo, com tradução em português pela Editora Ecclesiae.

conduzindo seus escritos a partir de eventos e fatos. Dickens valorizava o “homem comum” como núcleo moral e afetivo da sociedade, em contraste com as elites políticas e aristocráticas, que ele frequentemente retratava como hipócritas, corruptas ou indiferentes. Suas obras destacam a dignidade da vida ordinária, a importância da família, do trabalho e da solidariedade cotidiana, ao mesmo tempo em que expõem as injustiças sociais que dificultam a realização plena dessa existência. Para Dickens, o “homem comum” é portador de virtudes simples e genuínas capazes de renovar a vida social diante da rigidez e da crueldade das instituições.

Nessa mesma direção, Chesterton sustenta que a existência aparentemente ordinária do “homem comum” se revela, em essência, extraordinária, embora permaneça oculta aos reformadores sociais, incapazes de captar essa profundidade no cotidiano³. Além disso, em *Ortodoxia* (Chesterton, 2007 [1908]), ele desenvolve o argumento de que as coisas comuns e a sabedoria popular são mais valiosas que as exóticas e seguramente superiores à arrogância intelectual dos teóricos que ignoram a experiência vivida⁴. Essa lógica de valorização da vida cotidiana se interliga à defesa feita por Dickens ao “livre andamento da fantasia humana”. Essa que, conforme Puglia (2006, p. 111), “é um ponto avançado na denúncia da vida transformada em mercadoria, quando os saltos do imaginário e do devaneio são permitidos tão-somente nos estritos limites dos giros e das piruetas no trapézio do lucro”.

Na coleção de ensaios *Fancies Versus Fads* (Chesterton, 1923), novamente Chesterton critica os modelos intelectuais e sociais da época e defende uma abordagem mais tradicional e prática da vida. Ele sugere que muitas das tendências modernas se afastam das preocupações e dos valores

³ Como esmiuçado pelo autor em *O que há de Errado com o Mundo* (1910), os reformadores sociais projetam sistemas urbano-industriais que fogem cada vez mais do ritmo da natureza e da vida, bem como impõem sistemas educacionais que deixam de formar caráter e de transmitir o sentido da tradição.

⁴ Na obra póstuma *The Common Man*, Chesterton (1950) identifica esses “homens comuns” — que alegam defender a liberdade da modernidade — como os intelectuais e os ricos. Ele observa que a emancipação moderna muitas vezes resulta em uma nova forma de opressão para o homem comum, que busca valores como a família e a tradição, mas encontra obstáculos em políticas como o eugenismo e o controle populacional.

do “homem comum” ao proporem soluções que parecem mais adequadas às elites do que à maioria das pessoas.

Dessa forma, o “homem comum”, em Chesterton, configura-se como portador de uma sabedoria prática enraizada na realidade concreta, capaz de preservar sua sanidade e integridade diante de uma sociedade que exalta o excêntrico nos planos social, cultural, político e econômico. Ele se torna, assim, um contraponto ontológico à modernidade, revelando o valor intrínseco do cotidiano e a profundidade da experiência ordinária que os reformadores e intelectuais frequentemente negligenciam.

Frequentemente ele destaca a importância do “homem comum” também na preservação de um ideal de civilização, logo, como resistência a processos exteriores a ele. Em obras como *Ortodoxia* (Chesterton, 2007 [1908]) e *Herages* (Chesterton, 2011 [1905]), Chesterton argumenta que o “homem comum” não é sinônimo de mediocridade, pois são eles – e não os revolucionários, niilistas ou intelectuais radicais – que mantêm o mundo de pé. Chesterton os via como guardiões da sanidade espiritual, pois portam os valores civilizacionais duradouros, assentados na família, na moral e na fé⁵.

O “homem comum” em Chesterton é consciente da efemeridade das coisas e da vida e, por isso, ainda é capaz de ver o milagre no trivial e enxergar a beleza de coisas simples do dia a dia. Por ser um sujeito concreto e ativo de uma realidade que considera ideal, valoriza sua honra e quer viver de seu próprio trabalho, sem ser reduzido a empregado de corporações ou dependente das benesses do Estado.

Além da experiência cotidiana e da razão prática, que ajudam a estruturar a realidade do “homem comum”, a influência cristã de Chesterton destaca a abertura natural à fé, que sustenta a resistência do “homem comum” às filosofias modernas e ascéticas. Assim, a obra chestertoniana espelha a crença do autor na dignidade humana, segundo a qual cada pessoa tem valor intrínseco. Essa é a última e intransponível barreira ao niilismo moderno e aos projetos modernizantes dos reformadores sociais.

⁵ Chesterton alega que parece mais sensato confiar nos costumes e valores herdados da tradição — essa espécie de “democracia dos mortos” ou sabedoria acumulada das gerações passadas — do que na loucura da desconstrução permanente dos revolucionários.

3 O “HOMEM LENTO” EM MILTON SANTOS

Milton Almeida dos Santos (1926-2001) foi um geógrafo, intelectual e professor brasileiro, considerado um dos maiores pensadores da geografia crítica. Sua obra defende um olhar crítico a partir da centralidade da dimensão espacial e da valorização dos “homens lentos”, de sua realidade cotidiana e de seu lugar.

Amparado em sua proposta de análise do espaço geográfico a partir da indissociabilidade dos sistemas de objetos e ações (Santos, 2020), ele compreende o espaço geográfico para além das materialidades, de modo a incluir o universo das ações, das intencionalidades e das simbologias que as acompanham.

Para Santos (2020), as sociedades passam por distintas relações com a natureza, sempre mediadas pelas técnicas humanas. Dessa maneira, ele cria uma periodização da história humana desde o domínio do meio natural⁶, passando pelo estágio de meio técnico⁷ até o advento do meio técnico-científico-informacional⁸. Sobre esse último, ele é compreendido por Santos (2020, p. 239) como a “aparência geográfica da globalização”.

Em *Por uma outra globalização*, Santos (2024) faz referência às fabulações construídas em torno da globalização, como o fim das fronteiras, o fim do Estado e o desenvolvimento de um mercado global. Tudo isso, tido como real, não condiz com a verdade dos fatos, em que o mundo se separa cada vez mais (a partir de suas heterogeneidades). A globalização, como perversidade, é a face crítica desse fenômeno, em que o desemprego crescente se torna crônico e as desigualdades sociais se ampliam.

É nesse cenário de perversidade sistêmica globalizada⁹ que Santos

⁶ Esse meio natural generalizado era utilizado pelo homem sem grandes transformações, de modo que as técnicas e o trabalho se casavam com as dádivas da natureza (Santos, 2020).

⁷ Esse período técnico vê a emergência do espaço mecanizado (Santos, 2020).

⁸ Cada vez mais a ciência e a tecnologia, junto com a informação, estão na própria base da produção da utilização e do funcionamento do espaço e tendem a constituir o seu substrato (Santos, 2020).

⁹ A perversidade deixa de se manifestar por fatos isolados, atribuídos a distorções da realidade, para se estabelecer como sistema (Santos, 2024, p. 71).

desenvolve, de forma preliminar, seu conceito de “homem lento”. Esse, assim como aquele desenvolvido por Chesterton, surge em contraposição a uma lógica tida como perversa, desestruturante e, acima de tudo, que não se origina organicamente entre os homens comuns. Essa racionalidade superior, conforme Santos (2000), é marcada pela competitividade, pelo egoísmo, pelo narcisismo, pela banalização da guerra de todos contra todos, entre outros.

O conceito de “homem lento” emerge do conceito de “tempo”, compreendido por Santos a partir da ideia de “evento”. Para ele, a cidade grande seria formada por atores das mais diversas características sociais, econômicas, culturais e políticas com distintos “tempos”. Essa junção de fatores permitiu que ele pensasse em espaços da rapidez e da lentidão, bem como refletisse sobre aqueles que os dinamizam.

Assim, Santos (2020, p. 273) expõe que “do ponto de vista social, os espaços da rapidez serão aqueles onde é maior a vida de relações, fruto de sua atividade econômica e sociocultural”. Em contraposição, os espaços da lentidão serão o contrário disso: marcados pela horizontalidade¹⁰ e solidariedade orgânica¹¹.

É justamente nessa coexistência entre tempos que se deduz o conceito de “homem lento”. Conforme Santos (2013, p. 80): “Creio, porém, que na cidade, na grande cidade atual, tudo se dá ao contrário. A força é dos lentos e não dos que detêm a velocidade”. Adiante, ele complementa:

Os que, na cidade, tem mobilidade, e pode percorrê-la e esquadrinhá-la, acabam por ver pouco da cidade do mundo. Sua comunhão com as imagens, frequentemente pré-fabricadas, é a sua perdição. Seu conforto, que não desejam perder, vem exatamente do convívio com essas imagens. Os homens lentos, por seu turno, para quem essas imagens são miragens, não podem, por muito tempo, estar em fase com esse imaginário perverso e acabam descobrindo as fabulações (Santos, 2013, p. 180).

¹⁰ As horizontalidades são tanto lugar da finalidade imposta de fora, de longe, de cima, como da contrafinalidade localmente gerada (Santos, 2020, p. 286).

¹¹ Mesmo aí, coexistem as verticalidades como vetores de uma racionalidade superior e do discurso pragmático dos setores hegemônicos, criando um cotidiano obediente e disciplinado.

Ademais, cabe salientar a relação entre o “homem lento” e seu lugar em Milton Santos. Conforme Soares (2025, p. 318): “É no lugar onde os homens lentos criam seu habitat e desenvolvem sua existência”; de modo que “o homem lento é, antes de tudo, um ser que pensa e dá significado às coisas que o circundam” (Soares, 2025, p. 312).

Para Gil Sevalho (2012, p. 12), a condição do “homem lento” resiste a acompanhar o ritmo acelerado e as imposições do sistema capitalista, mantendo seu próprio tempo e preservando uma relação mais genuína com as experiências essenciais da vida: “O homem lento é carregado de humanidade e subjetividade, gerador de espontaneidade no cotidiano do lugar”.

Em resumo, o “homem lento” é o detentor de uma racionalidade outra que, por sua lentidão frente aos processos do mundo, permite-lhe enxergar para além das aparências. Enquanto conceito, é profundamente abstrato. Como resultado, essa lentidão pode ser vislumbrada pelas formas de resistência tradicionais dos homens e de seu olhar concreto sobre a realidade, a qual é, antes de tudo, vivida e onde as paisagens possuem significados profundos comparadas àquelas impostas por uma racionalidade superior.

Por fim, o “homem lento” é possuidor de uma contrafinalidade própria de sua lógica lenta. Ele é a barreira entre a completa fabulação e a perversidade, entre a desesperança e a esperança, entre o ontem e o hoje. Sendo assim, ele não apenas caminha em meio a regras superiores, estranhas à sua existência, mas também as destrincha. Para Milton Santos, o “homem lento” é sinônimo de mudança lenta, entretanto, progressiva.

4 NOS LIMITES DA RAZÃO: A EMOÇÃO DE MILTON SANTOS E A FÉ DE GILBERT CHESTERTON

O frankfurtiano Jürgen Habermas defende a necessidade de um diálogo produtivo entre fé e saber, que levaria à construção da ideia de pós-secularização¹². Sua defesa dos modos de vida das sociedades tradicionais não encontrava instrumentos teóricos adequados no marxismo, de modo

¹² Conforme o pensador alemão: “No século XIX, as ciências humanas tinham se desenvolvido, Produto ambíguo do iluminismo, constituíam as comportas modernas que represaram as correntes da tradição” (Habermas, 1980, p. 124).

que sua *teoria do agir comunicativo* buscava equacionar a questão:

[...] Se por um lado, a religião perde seu caráter ‘fundante’ na sociedade — no sentido de que o mundo moderno não vive mais sob a lógica do sagrado [...] —, por outro lado, há uma autonomização da religião, de maneira que esta pode coabitar, em pé de igualdade, com as esferas do agir profano (Góis Filho, 2017, p. 192).

Com efeito, para Habermas (2005, p. 3 *apud* Góis Filho, 2017, p. 192), “A religião pode introduzir na arena política sentimentos como a responsabilidade e a solidariedade”¹³. Nesse sentido, o homem comum de Chesterton está profundamente enraizado em uma cosmovisão cristã tradicionalista, que valoriza a família, a fé e a moral vitoriana.

A trilogia de apologética cristã de Chesterton reflete esse olhar para o senso comum das coisas que reflete essa resistência contra a corrupção de ideias, práticas e instituições da modernidade. *Ortodoxia* (1908) expõe o vazio existencial da visão de mundo materialista. *Hereges* (1905) ataca os progressistas, que, embora se digam práticos, não fazem as perguntas mais essenciais que são as únicas capazes de dar sentido às nossas vidas. Com seu tom, sarcástico ele refuta os progressistas com uma pergunta retórica:

Mas será que alguém no mundo entra num ônibus sem ter alguma ideia sobre se ele vai para Bond Street ou para Hammersmith? Será que algum homem vivo, ao ser apresentado com um formulário de ônibus, o contempla como um mero pergaminho de mistério a ser solucionado por pulos aleatórios? (Chesterton, 2007, p. 51).

Completando a trilogia apologética, *O Homem Eterno* (Chesterton, 2016 [1925]) retoma a questão do decaimento espiritual generalizado representado por doutrinas de uma sociedade triste e cansada, como o materialismo e o ateísmo. Nesse mundo moderno, criado apenas pelo intelecto de homens ditos cultos, como jornalistas e intelectuais, a fé se torna morna e cheia de dúvidas, afirma Chesterton. Porém, paradoxalmente,

¹³ A religião expressa algo das bases normativas da sociedade, preenchendo os vazios da sociedade moderna, em que a ciência pode se colocar como “moral sem ética” (Habermas, 2004). Conforme Góis Filho (2017, p. 193), J. Habermas demonstra que “Conceitos como o de liberdade subjetiva, autonomia, sujeito socializado e liberação foram cunhados a partir da infiltração do pensamento judeu-cristão na filosofia grega”.

O homem da rua tem sempre uma resposta curta para o cético longo. Ele apela ao senso comum. Por isso, o homem simples não é um sonhador, mas está mais acordado para a realidade do que qualquer outro; ele não é o escravo da matéria, mas é seu mestre, pois só ele sabe porque a matéria existe (Chesterton, 2016, p. 120).

Ora, o “homem lento” de Milton Santos (1996) aparece de forma semelhante, acuado diante do avanço do capitalismo (globalização, informação, tempo rápido, exploração do trabalho e automação), que impõe ritmos acelerados, desigualdades e pressões econômicas. Mas esse homem oprimido somente pode encontrar uma saída se depositar suas esperanças em sua capacidade de se articular enquanto coletividade, construindo redes de solidariedade e de resistência que possibilitem enfrentar, transformar e se apropriar criticamente das condições impostas pelo mundo globalizado.

Como geógrafo, Milton Santos destaca a primazia do lugar, escala não apenas de regulação das forças verticalizadoras da ordem global, mas o próprio *locus* da corporeidade (do sentir). É no lugar que reside a comunidade, é onde ocorrem os encontros (solidariedade e trabalho cooperativo) e a comunicação real entre as pessoas. É no lugar que o tempo pode ser regulado de forma mais lenta.

Mesmo nesse ponto podemos perceber que os dois autores se encontram. Se em Chesterton o “homem comum” é a base da sociedade orgânica¹⁴, pois o equilíbrio social e a própria civilização se assentam na sabedoria prática, em Milton Santos, o “homem lento” é a base da vida em comunidade, onde as pessoas se organizam para o trabalho e para a vida.

Com efeito, moldamos nossa personalidade e nossas ações na vida orgânica em comunidade, onde as pessoas se conhecem pelo nome ou, ao menos, conhecem todos os lugares realmente importantes da cidade, quer sejam mal-afamados ou venturosos. Chesterton via grandeza na vida ordinária; afinal, o “homem comum” — que é o pai de família, o trabalhador,

¹⁴ É importante observar que autores como G. K. Chesterton e Edmund Burke usam o termo sociedade orgânica para defender a ideia de uma sociedade que cresce naturalmente a partir das tradições, da religião e das instituições históricas, em oposição a projetos sociais utópicos, sejam revolucionários ou puramente racionais, que ignoram o senso comum e subestimam a sabedoria prática. Ver BURKE, Edmund. *Reflexões sobre a Revolução na França*. Tradução de Ivone Moreira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.

a dona de casa, o cidadão honesto — vive sua vida cotidiana desenvolvida sobre pequenas virtudes e uma fé inabalável. E Milton Santos via grandeza no lugar, capaz de resistir ao ritmo avassalador do capitalismo global, base real das experiências dos homens que se articulam entre si para reinventar coletivamente o espaço social em que vivem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de pertencerem a contextos históricos e geográficos distintos, Gilbert Chesterton e Milton Santos estão separados por menos de um século, de modo que ambos experienciaram negativamente os efeitos sociais e morais do avanço do capitalismo monopolista financeiro que forma essa nova racionalidade dominante.

Chesterton se opõe ferreamente ao gigantismo econômico das corporações, que elimina a autonomia das pessoas e ataca a própria base familiar. Para ele, as teorias modernas, as máquinas e os sistemas centralizados tendem a desumanizar as pessoas e a instalar a insanidade no mundo. Da mesma forma, Milton Santos vai criticar o projeto de unificação do mundo pelo capital financeiro, que constrói um meio técnico-científico-informacional, consumidor do tempo e do espaço do “homem lento”.

Tanto o “homem comum” quanto o “homem lento” são figuras contra-hegemônicas: não por confrontarem o sistema de forma violenta como no projeto revolucionário marxista, mas por representarem categorias filosóficas que buscam sustentar formas de vida que escapam à lógica do progresso a qualquer custo. Ambos afirmam a centralidade da vida cotidiana e da experiência sensível, em contraste com as utopias tecnocráticas e desumanizantes da modernidade.

Evidentemente, existem diferenças importantes entre os dois autores. Para Milton Santos, a organização ideal da sociedade será posta a partir de novas formas de cooperação no mundo do trabalho, destacando a ideia de coletividade. Por outro lado, Chesterton defende idealmente uma sociedade organizada a partir das células familiares, que devem decidir, inclusive, a forma de propriedade (individual, coletiva, estatal, cooperativa ou mista) que desejam.

Contudo, embora se situem em polos opostos do espectro intelectual — um cristão e o outro laico —, ambos convergem para uma potente crítica ética sobre o modo como a modernidade reconfigura as relações sociais. Afinal, o tempo acelerado e a perda do enraizamento são sinais de uma alienação crescente, que só pode ser combatida pela valorização de ritmos próprios, da experiência local e da sabedoria comum.

REFERÊNCIAS

CHESTERTON, Gilbert Keith. *O homem eterno*. Tradução de Élcio de Carvalho. São Paulo: Mundo Cristão, 2016 [1925].

CHESTERTON, Gilbert Keith. *Um esboço da sanidade*. Tradução de Almiro Pisetta. São Paulo: Ecclesiae, 2014 [1926].

CHESTERTON, Gilbert Keith. *O que há de errado com o mundo*. Tradução de Almiro Pisetta. São Paulo: Ecclesiae, 2013 [1910].

CHESTERTON, Gilbert Keith. *Hereges*. Tradução de Almiro Pisetta. São Paulo: Ecclesiae, 2011 [1905].

CHESTERTON, Gilbert Keith. *Charles Dickens*. Tradução de Almiro Pisetta. São Paulo: É Realizações, 2011 [1906].

CHESTERTON, Gilbert Keith. *Ortodoxia*. Tradução de Almiro Pisetta. São Paulo: Mundo Cristão, 2007 [1908].

CHESTERTON, Gilbert Keith. *The Common Man*. London: Sheed and Ward, 1950.

CHESTERTON, Gilbert Keith. *Fancies Versus Fads*. New York: Dodd, Mead & Co., 1923.

GÓIS FILHO, Benjamim Julião. Religião e Secularização na ótica de Habermas. In: Benjamim Julião de Góis Filho; Lindoaldo Campos (Org.). *Razão e Transcendência: alguns diálogos possíveis*. Mossoró: Edições UERN, 2017, v. 10, pp. 179-202.

HABERMAS, Jürgen. *A inclusão do outro: estudos de teoria política*. Tradução de De George Sperber, Paulo Astor Soethe e Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2004.

HABERMAS, Jürgen. Técnica e ciência enquanto “ideologia”. In: BENJAMIN, Walter; HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor (Org.). *Textos escolhidos*. Tradução de José Lino Grünnewald *et al.* São Paulo: Abril Cultural, 1980. P. 313–43. (Coleção Os Pensadores).

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2024.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço e tempo*. São Paulo: Hucitec, 2013.

SEVALHO, Gil. O “homem dos riscos” e o “homem lento” e a teorização sobre o risco epidemiológico em tempos de globalização. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 16, n. 40, p. 7–19, jan./mar. 2012.

SOARES, Deyvid Alcimar. *O uso do território em áreas de maré-mangue da Região Metropolitana de Natal – Rio Grande do Norte – Brasil*. 2025. Dissertação [Mestrado em Geografia] – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2025.

PUGLIA, Daniel. *Charles Dickens: um escritor no centro do capitalismo*. 2006. 186 f. Tese [Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês] – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2006.

